

***PLAYERS, MAO II E FALLING MAN:* O TERROR EM TRÊS VERSÕES**

Giséle Manganelli FERNANDES*

Márcia Corrêa de Oliveira MARIANO**

■ **RESUMO:** Este trabalho objetiva analisar diferentes tratamentos dados ao terror nos romances *Players* (1977), *Mao II* (1991) e *Falling Man* (2007), do autor americano Don DeLillo. Em *Players*, o terror mostra-se como algo atrativo e excitante para uma personagem que tem uma vida pessoal e profissional marcada pelo tédio; em *Mao II*, o terror está conectado ao sequestro de um poeta e o texto traz à baila debates focalizando o contraste entre o poder dos romancistas e o dos terroristas na sociedade; e, em *Falling Man*, o autor revisa a tragédia do 11 de setembro, em uma tentativa de entender as razões pelas quais os ataques aconteceram. Os romances mostram ações terroristas ligadas a processos históricos e também ao atual *status* do capitalismo e da globalização. Textos de Bauman (2008), Eagleton (2005), Freitas (1989), Fraser (2000) serão tomados como embasamento teórico para as discussões apresentadas neste trabalho.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Don DeLillo. Terrorismo. Capitalismo. Literatura e história.

O terrorismo, como prática de quem recorre sistematicamente à violência contra as pessoas e as coisas, provocando o terror, é um fenômeno que, ao longo dos séculos vem se disseminando. Para exemplificar sua antiguidade, tomemos como exemplo o malogrado plano liderado por Robert Catesby e Guy Fawkes (em 5 de novembro de 1605), conhecido como Gunpowder Plot ou “Conspiração da Pólvora”, tendo como objetivo explodir o Parlamento Inglês e matar a família real (FRASER, 2000). Em nosso tempo, observamos o terrorismo de esquerda, que ganhou força no início dos anos 1970, principalmente na Europa. Entre os principais grupos considerados terroristas estão o ETA, na Espanha; o Baader-Meinhof, na Alemanha; as Brigadas Vermelhas, na Itália e o IRA, na Irlanda do Norte.

O terrorismo associado ao fundamentalismo islâmico, representado pela organização terrorista Al-Qaeda (“a base”, em árabe), incute, no entanto, muita

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Departamento de Letras Modernas – São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15054-000. gisele@ibilce.unesp.br

** UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15054-000. marciaa.com@gmail.com

atenção. Ao grupo outrora liderado pelo saudita Osama bin Laden (morto em 2011), foram atribuídos diversos ataques, mobilizando radicais pelo mundo todo e, conseqüentemente, ocorreu a motivação para a luta contra o terrorismo.

Nesse sentido, surgem diversas manifestações artísticas buscando entender o que está por trás de atos terroristas, mas também tentando repensar certos acontecimentos, apropriando-se de episódios para reavaliá-los sob novas perspectivas.

O autor americano Don DeLillo tem focalizado o terror desde os anos 1970 até chegar ao 11 de setembro. Neste trabalho, especificamente, analisaremos a presença de formas distintas de terror em *Players* (1977), *Mao II* (1991) e em *Falling man* (2007).

Players: o terror per se

No romance *Players*, DeLillo (1989) aborda o terror e também o poder do capitalismo, por meio da narrativa do estilo de vida do casal *yuppie* Lyle Wynant, e de sua esposa, Pammy. Lyle e Pammy são apresentados como um casal que tem uma rotina entediante.

Pammy trabalha no octogésimo-terceiro andar do World Trade Center para a empresa *Grief Management Council* [Conselho de Administração do Luto]. Ela trabalha com Ethan Segal, cujo namorado é Jack Laws. No aniversário de Jack, Ethan e Jack foram à casa de Lyle e Pammy e “Lyle telefonou para um disque-filé” (DELILLO 1989, p.37)¹ e a “celebração”, se assim pode ser chamada, é muito deprimente, como pode ser observado no seguinte diálogo:

“É o aniversário de Jack.”

Ninguém disse nada.

“Tenho trinta anos.”

“Bem-vindo ao Vale da Morte,” disse Lyle. (DELILLO, 1989, p.37).²

O comentário de Lyle é perturbador, pois traz em si o fato de que a uma pessoa quando vai ficando mais velha resta apenas o “Vale da Morte”.

A empresa para a qual Pammy trabalha possui conselheiros treinados para ajudar as pessoas a assimilarem o luto. Aqui, vemos que até o luto tornou-se uma *commodity* e uma fonte de auferir lucros por meio de “taxas para indivíduos, taxas para grupos”³ (DELILLO, 1989, p.18). A noção de que ao consumir esses produtos, as pessoas ficariam mais aliviadas de seu luto revela a ilusão nutrida pelas pessoas

¹ “Lyle called Dial-a-Steak.” Quando não indicada autoria, a tradução é nossa.

² “It’s Jack’s birthday.” / No one said anything. / I’m thirty.” / “Welcome to Death Valley,” Lyle said.

³ “fees for individuals, group fees”.

de que simples compras de bens materiais podem reduzir o pesar da perda de alguém querido. Todo esse aparato faria parte do programa voltado para auxiliar as pessoas a “administrarem o luto”.

Cabe destacar que Pammy pensa, *a priori*, que o World Trade Center não era um lugar adequado para abrigar a empresa, mas depois mudou de ideia; porém, para Pammy, “as torres não pareciam ser permanentes”⁴ (DELILLO, 1989, p.19). Esse seria o que podemos chamar de um sentimento mais apurado do autor em relação à realidade que o cerca, isto é, um sentimento do destino reservado às Torres Gêmeas.

Pammy sentia-se também entediada no seu trabalho e, para livrar-se do tédio, a solução encontrada por ela foi a de viajar para o Maine com o casal gay Ethan e Jack (mais tarde, ela descobriria que, na verdade, Jack não era gay. Jack suicida-se marcando um trágico fim para sua vida emocionalmente perturbada).

Já a personagem Lyle trabalha na Bolsa de Valores, local dominado pelo poder do capitalismo e coordenado pela oscilação dos mercados mundiais. O ambiente na Bolsa é descrito da seguinte forma: “Havia sanidade lá, até nos tempos mais loucos. [...] Ao tocar do sino, era possível sentir que se fazia parte de uma busca de tirar o fôlego por ordem e elucidação, por identidade entre os membros de um sistema” (DELILLO, 1989, p.28).⁵

A rotina maçante leva Lyle a envolver-se com um grupo terrorista que desejava explodir a Bolsa de Valores, depois do assassinato de George Sedbauer (um colega de Lyle), ocorrido naquele local. Lyle estabelece um relacionamento peculiar com J. Kinnear, o líder da organização. Kinnear aposta em Lyle para suceder George Sedbauer; a única diferença entre os dois, segundo o terrorista Kinnear, era que “George não sabia para quem ele estava trabalhando. George pensava que estávamos envolvidos em alta-abre citação-espionagem industrial-fecha citação. [...] Ele [...] nos falava tudo o que sabia sobre a Bolsa em si” (DELILLO, 1989, p.103).⁶

As referências a Lee Harvey Oswald aparecem no romance como uma conexão ao papel de Lyle na organização.

Essa conexão misteriosa deixa Lyle motivado; ele deseja estar com os terroristas porque ele é um homem de “colarinho branco”, e correr riscos daria algum tipo de agitação, de quebra de rotina, em sua vida:

⁴ “the towers didn’t seem permanent”.

⁵ “There was sanity there, even at the wildest times. [...]. In the electronic clatter it was possible to feel you were part of a breathtaking intricate quest for order and elucidation, for identity among the constituents of a system.”

⁶ “George didn’t know who he was working for. George thought we were involved in high-level-*quote-industrial espionage-close quote*. [...] He [...] told us whatever he knew about the Exchange itself.”

Aquele era o sonho secreto de alguém de colarinho branco. Fazer uma ligação de um telefone público no meio da noite. Telefonar para algum escritório do governo, algum departamento oficial, certo, do governo. “Tenho informação sobre isso-e-aquilo”.[...] A proposta de uma vida dupla (DELILLO, 1989, p.100).⁷

Nesse sentido, John McClure (1994, p.124) explica a fascinação de Lyle pelo terror:

Lyle é fascinado pelo funcionamento e poder do sistema financeiro global ao qual ele serve, mas entediado pelas condições de seu serviço. Então ele gradualmente enveredou no caminho de um grupo terrorista que planejava soltar uma bomba na Bolsa de Valores, imaginando-se ser um agente secreto do governo, porém mal raciocinando sobre as implicações políticas de suas ações ou acerca das instituições às quais ele serve.⁸

Essa situação acontece porque o tédio impera na vida pessoal e profissional de Lyle. Sua rotina é tão fixa que ele até “barbeava-se simetricamente” (DELILLO, 1989, p. 24).⁹

Don DeLillo é um autor obcecado por sistemas e, em *Players*, o autor mostra que sistema capitalista é um jogo e as pessoas têm de aprender a jogá-lo; não há como escapar do sistema.

Ao longo da narrativa, entretanto, Lyle afasta-se cada vez mais dos terroristas os quais passam a lhe dar instruções por telefone. A relação de Lyle com os terroristas pode ser comparada à de Oswald com os conspiradores em *Libra*:

Ele nunca tinha se sentido tão inteligente antes. Seu envolvimento estava começando a merecer uma resposta urgente. Eles não tinham uma organização visível ou liderança. Eles não tinham um plano aparente. Eles surgiam de lugar nenhum e podem desaparecer amanhã. Lyle acreditava que nessas formas difusas estava o que ele achava tão estimulante, mentalmente (DELILLO, 1989, p.121).¹⁰

⁷ “That was the secret dream of the white collar. To place a call from a public place booth in the middle of the night. Calling some government bureau, some official department, right, of the government. ‘I have information about so-and-so.’[...] The suggestion of a double life.”

⁸ “Lyle is fascinated by the intricacy and power of the global financial system he serves, but bored by the terms of his service. So he works his way into a terrorist ring that is planning to bomb the Stock Exchange, imagining himself to be a secret agent of the government, but reflecting hardly at all on the political implications of his actions or the institutions he serves.”

⁹ “Lyle shaved symmetrically [...]”

¹⁰ “He’d never felt so intelligent before. His involvement was beginning to elicit an acute response. They had no visible organization or leadership. They had no apparent plan. They came from nowhere and might be gone tomorrow. Lyle believed it was these free-form currents that the found so stimulating, mentally.”

Ambos, Oswald e Lyle, parecem não ter ciência do objetivo de suas ações e das consequências de estarem envolvidos com esses mecanismos secretos. Ao final, Lyle encontra-se em um motel esperando por um telefonema que possivelmente não acontecerá, e ele está caminhando para sua própria destruição, assim como ocorreu com Oswald.

No romance, fica sugerido que Kinnear está associado ao assassinato do presidente Kennedy. Em um diálogo com Lyle, Kinnear afirma que a ação terrorista é “outro evento da mídia” (DELILLO, 1989, p.180).¹¹ Os terroristas são muito conscientes sobre como utilizar a mídia para alcançar seus objetivos, isto é, ameaçar as pessoas, fazendo-as ter medo de que as ações comandadas pelo terror abalem as estruturas do sistema dominante.

Assim, Lyle e Pammy decidem tomar rumos diferentes em suas vidas, mas não fazendo algo útil para a sociedade; pelo contrário, eles são *players* em busca de aventuras fúteis, tão vazias quanto suas vidas, dentro de um sistema que os levou à alienação.

Outra forma de terror é abordada por DeLillo no romance *Mao II*, publicado em 1991, sobre o qual apresentaremos reflexões a seguir.

Mao II e a narrativa dos terroristas

[Samuel] Beckett foi o último escritor a moldar a forma de vermos e pensarmos. Depois dele, o trabalho mais importante implica explosões de aviões e edifícios pulverizados. Essa é a nova narrativa trágica (DELILLO, 1997, p.172).

O excerto acima, extraído do romance *Mao II*, parece sintetizar o declínio do antigo poder da literatura de influenciar e mudar consciências, cedendo lugar à dominação da arte por pessoas violentas, que manipulam a mídia em sociedades cujas sensibilidades, saturadas, só reagem a declarações explosivas e de grande impacto. E é por esse viés, envolto nessa urdidura, que se desenvolve o romance e suas interações.

No centro da narrativa de *Mao II* está Bill Gray, um escritor famoso por sua reclusão, que abandona a produção de um romance para interceder junto a terroristas libaneses pela vida de um escritor e poeta suíço tomado por eles como refém. A obra, por meio dessa personagem, de seu assistente Scott Martineau, de Karen Janney, amante de Scott, da fotógrafa Brita Nilsson, do cientista político George Haddad e do terrorista Abu Rashid, aborda questões pertinentes à proximidade entre a arte e o terror e o domínio da narrativa pelos terroristas.

¹¹ “another media event”.

Uma abordagem marcante na obra são os questionamentos de Bill Gray, inconformado com a perda da importância da voz do romancista e, conseqüentemente, a perda de sua identidade como escritor:

No Oeste nos tornamos efígies famosas quando nossos livros perdem a força de formar e influenciar. [...]

Anos atrás eu costumava pensar que era possível para um romancista alterar a vida interna da cultura. Agora os fabricantes de armas e de bombas tomaram esse território. Eles fazem ataques aéreos sobre a consciência humana. **É o que os escritores costumavam fazer antes de ser incorporados** (DELILLO, 1997, p.51, grifo nosso).

Para Bill, os romancistas e os terroristas praticam um jogo interessante e preocupante, de certa forma:

O que os terroristas ganham os romancistas perdem. O grau da influência que eles conseguem exercer sobre a consciência das massas é proporcional ao nosso [dos romancistas] declínio como formadores de sensibilidade e opinião. [...] E quanto mais claramente enxergamos o terror, menor o impacto que a arte tem sobre nós (DELILLO, 1997, p.171-172).

Por meio dessa personagem, DeLillo expõe um mundo mergulhado em respostas a ações terroristas e ao bombardeamento diário de imagens da cultura popular, sinais característicos da sociedade pós-moderna. Assim, se o autor perdeu a força para influenciar o tecido social com seu trabalho, o terrorista aprendeu a usar a sociedade do espetáculo e da imagem a seu favor.

A fotógrafa Brita, antes de seu encontro com Bill para fotografá-lo, conversa com Scott, assistente do romancista: “Sinto como se estivesse sendo levada para ver algum chefe terrorista em seu esconderijo secreto nas montanhas” (DELILLO, 1997, p.36). Ironicamente, logo depois ela vai visitar um chefe terrorista de verdade, Abu Rashid. Essa sequência no romance confirma um dos seus focos principais, comprovando o pessimismo de Bill quanto à substituição da narrativa dos romancistas pela dos terroristas. Brita “já não fotografa escritores. Parou de fazer sentido. [...] Deixaram de ser o projeto que ela perseguiria para sempre” (DELILLO, 1997, p.245-6). Ao fazer essas considerações, a fotógrafa admite ter abandonado seu projeto anterior, cedendo lugar à incredulidade com relação à literatura e, ao converter escritores em imagens, ela os aposenta como formadores de opinião.

A resistência ao imperialismo cultural do Ocidente é fortemente debatida no romance *Mao II*. É a proliferação de imagens americanas que o terrorista Abu Rashid, adepto dos ensinamentos maoístas, deseja cessar. Ele resiste por meio de atos terroristas:

[...] mantemos reféns ocidentais em quartos trancados. Para que não tenhamos de olhar para eles. Eles nos lembram a maneira pela qual tentamos imitar o Ocidente. A maneira pela qual colocamos o pretexto [dos atos terroristas], o terrível polimento. [...] **Enquanto houver a presença do Ocidente, ela é uma ameaça ao respeito próprio, à identidade** (DELILLO, 1997, p. 251, grifo nosso).

Os meninos que trabalham para Rashid não têm rosto, tampouco palavras, usam capuzes e camisetas com sua foto estampada. Suas feições são idênticas, eles têm a cara do terrorista, que se vangloria ao ensinar-lhes a identidade do Oriente, senso de propósito. Ao refletir sobre o terror e a história, o terrorista tece o seguinte comentário:

[...] terror é o que costumamos usar para dar ao nosso povo seu lugar no mundo. O que se costumava conseguir através do trabalho, nós o conseguimos através do terror. Terror torna possível o novo futuro. Todos os homens um só homem. Os homens vivem na história como nunca antes. [...] fazemos e mudamos a história minuto a minuto. História não é o livro ou a memória humana. Fazemos história de manhã e a modificamos depois do almoço (DELILLO, 1997, p.251).

Dessa forma, a obra permite ao leitor pensar que a função da arte tem sido reelaborada pelo terrorismo e pela mídia que o potencializa. Essa reflexão mostra a abordagem de DeLillo ao retratar os temas circundantes da sociedade contemporânea, em um constante enlace entre ficção e crítica social.

Na esteira dessas observações destacamos Terry Eagleton (2005), ao salientar que hoje nós experimentamos um constrangedor sentimento de impotência ante o fundamentalismo religioso e o terrorismo crescente. Nesse sentido, há uma forte preocupação nos meios intelectuais nos últimos anos: a sensação de que a teoria (ou a filosofia) não dá conta dos assuntos mais prementes. Ou, nas palavras da personagem George Haddad, de *Mao II*: “Em sociedades reduzidas a conspiração e saciedade, o terror é o único ato significativo. Existem coisas demais, mais coisas e mensagens e significados do que poderíamos usar em dez mil vidas” (DELILLO, 1997, p.172).

Segundo Eagleton (2005), o terror em nome de textos sagrados que inaugura o século XXI surgiu poucas décadas depois de os pensadores pós-modernos terem decretado o fim das grandes narrativas. A crítica ao pós-modernismo é feita, em boa parte, a partir de uma identificação de seus valores aos do capitalismo. Impondo radicalmente um ponto de saturação que demanda novas reflexões concernentes ao fundamentalismo islâmico, ao capitalismo e ao pós-modernismo, o autor suscita indagações acerca do último, pois sua teoria garantia que as grandes narrativas eram coisas do passado. Porém, Eagleton afirma que a teoria cultural deveria ter

um pensamento mais ambicioso, capaz de compreender as grandes narrativas nas quais, queira ou não, já está enredada: a da globalização capitalista e a da reação fundamentalista em seu rastro. Dessa forma, a “guerra ao terror” teria reinstalado as metanarrativas. O conceito de terrorismo, potencializado pelo ataque às torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001, assumiria a função de metanarrativa para conferir legitimidade a incursões capitalistas no mundo.

DeLillo ressalta, também, o fato de os terroristas colocarem em jogo a sua própria vida de modo hostil e eficaz contra a fragilidade do adversário. Eles conseguem fazer de suas mortes uma arma soberana contra um sistema vulnerável e despreparado para combater um inimigo pertencente a um fanatismo religioso que o leva a ter desejo de morrer em nome do combate aos “infiéis”.

Dessa forma, o autor penetra na mente dos terroristas e tenta decifrar os motivos sustentadores do ato terrorista. Essa tentativa remete-nos às reflexões de Haddad, em *Mao II*:

E não é o romancista, sobre todas as pessoas, sobre todos os escritores, quem compreende essa raiva, quem conhece na alma o que os terroristas pensam e sentem? Através da História, foi o romancista quem sentiu afinidade pelo homem violento que vive na escuridão (DELILLO, 1997, p.143).

Haddad sugere, assim, que ambos, romancista e terrorista, são homens vivendo em pequenos espaços, onde criam pensamentos e os espalham pelo mundo inteiro. O romancista os revela em livros; o terrorista, em ações. “Qualquer pensamento é válido. E então passa a não existir mais uma diferenciação moral ou espacial entre pensamento e ação” (DELILLO, 1997, p.145). Porque e será esta a maior interrogação do romance é possível que os terroristas tenham suplantado os escritores enquanto veículos de cultura e transformação de ideias?

DeLillo consegue mostrar o caráter da concepção idealista dos terroristas e reavivar, como forma de alerta, a proximidade entre a arte e o terror. Não obstante, para ele, o terrorismo está tomando, aos poucos, o lugar antes ocupado pela literatura, pois os terroristas exercem, hoje, uma influência muito maior sobre a consciência das pessoas, comparado ao poder dos romancistas como promotores de compassividade e formadores de opinião.

O fascínio das pessoas por notícias sobre terror e morte é um tema corrente nas obras do autor. A explicação para essa atração e curiosidade por tragédias pode ser articulada às falas do protagonista de *Mao II*, o recluso Bill Gray. Para essa personagem, isso acontece porque

[...] estamos dando espaço ao terrorismo, às notícias de terrorismo, aos gravadores e às câmeras, às rádios, às bombas instaladas em rádios. Notícias sobre desastres são a única narrativa de que as pessoas precisam. Quanto mais tenebrosas, melhores. Noticiário é a mais recente droga [...] (DELILLO, 1997, p.51).

O autor, por meio desse discurso, sugere que a mídia, ao dar muito espaço para as notícias sobre terrorismo, faz de fatos históricos verdadeiros espetáculos e o terror passa a ser o único ato significativo. Até mesmo a figura do acrobata David Janiak, personagem de *Falling man* (a ser discutida a seguir), simulando as quedas do World Trade Center, é um símbolo mostrando como tudo vira espetáculo, incluindo a morte.

Isso, todavia, não significa que tenhamos de invalidar a importância e a gravidade dos eventos, mas cuidarmos para não nos alienarmos ainda mais. E isso tudo comprova a maestria de DeLillo ao narrar certos episódios e levantar questões cruciais imbricadas no mundo contemporâneo, primando por detalhes bastante significativos na revisão de fatos históricos.

***Falling man*: uma reavaliação do 11 de setembro**

Se aceitarmos a concepção de que “os momentos de maior fecundidade literária coincidem com os períodos de maior intensidade histórica” (FREITAS, 1989, p.109), os atentados de 11 de setembro de 2001 seriam um exemplo concreto. Debates referentes aos atentados terroristas perpetrados nos Estados Unidos e ao que eles representaram para a América e o mundo em geral não poderiam deixar de ser trazidos à baila pela arte. Esses ataques originaram diversas manifestações artísticas buscando não apenas explicações para a tragédia, mas também tentando reavaliar os acontecimentos, por meio de inserções históricas. Os discursos que incorporam os eventos dentro de um processo de interpretação e tentativa de analisar os fatos sob diversas perspectivas deparam com respostas que têm implicações morais, políticas e ideológicas.

Os ataques terroristas foram anunciados por todas as emissoras de televisão, de rádio, pela internet, nos Estados Unidos e no mundo. Portanto, pessoas em todo o globo assistiram àquele ato de terror. As imagens mostravam os prédios pegando fogo e a legenda em inglês na rede CNN anunciava: “*United States under attack*”.¹²

Os terroristas tinham consciência de que teriam notabilidade por meio da exibição das imagens no mundo todo. Segundo Zygmunt Bauman (2008, p.139), em sua obra *Medo líquido*,

Contar com as ferramentas disponibilizadas pelas pressões globalizantes todo-poderosas é parte integrante da estratégia terrorista. Nas palavras de Mark Danner, a arma mais poderosa dos 19 terroristas que usaram suas facas e canivetes para destruir as Torres Gêmeas de Manhattan foi “a criação tecnológica mais norte-americana: o aparelho de TV”. A notoriedade mundial prontamente oferecida aos sangrentos espetáculos proporcionados pelos atos terroristas, até mesmo pelos menores e comparativamente desimportantes

¹² “Estados Unidos sob ataque”.

e insignificantes, pode multiplicar seu potencial assustador, alcançando lugares que as armas à disposição – relativamente escassas e frequentemente primitivas e feitas em casa (sem comparação com as armas numerosas e high-tech de seus inimigos declarados) – nunca poderiam alcançar, muito menos ferir gravemente.

Apresentadores de televisão, repórteres no local, testemunhas da tragédia e sobreviventes tentavam explicar algo aparentemente inexplicável.

Mas, afinal, já não havíamos assistido a cenas parecidas como essas nos filmes ou lido nos romances acerca de ameaças terroristas a órgãos do governo americano?

Segundo Maria Tereza de Freitas (1989), “a Literatura pode **prever** os acontecimentos”. A estudiosa afirma que mesmo durante épocas politicamente estáveis e de economia próspera, alguns escritos parecem pressentir a presença de futuros conflitos, prenunciando-os. Para a autora,

[...] o fato é que algumas obras literárias podem ser consideradas como aparelhos registradores de insatisfações vagas, de temores difusos, de desejos e aspirações de um grupo social ainda não formulados – em suma, a expressão do **conteúdo latente** de uma época. Não se trata propriamente de uma clarividência excepcional, mas sim de uma **sensibilidade privilegiada** – como a tem todo artista –, sempre atenta e disponível para detectar melhor os sintomas do inconsciente coletivo que ainda não afloraram à superfície das coisas (FREITAS, 1989, p.115, grifo da autora).

Por sua vez, o autor norte-americano Don DeLillo, que no romance *Falling man* (2007a, b) baseia-se nos atentados terroristas de 11 de setembro para criar uma obra literária retratando a tragédia que assolou os Estados Unidos, parece antever atentados contra o país.

Como vimos em *Players*, Pammy trabalha para a empresa Grief Management Concil, localizada em uma das torres do World Trade Center, porque “onde mais você acumularia tanta dor?”¹³ (DELILLO, 1989, p.18).

Em *Ruído branco*, publicado no Brasil em 1987, a personagem Babette, em posse de um tabloide, lê previsões de videntes para o futuro, sendo uma delas a seguinte:

Seguidores de uma seita que cultua os desastres de avião vão sequestrar um jumbo e fazê-lo cair sobre a Casa Branca, num ato de devoção cega a seu misterioso líder, conhecido apenas por Tio Bob. O presidente e a primeira-dama sobreviverão milagrosamente ao desastre, sofrendo apenas escoriações, segundo amigos íntimos do casal (DELILLO, 1987, p.145).

¹³ “where else would you stack all this grief?”

Outro romance do autor que também parece conter elementos proféticos é o *Underworld* (DELILLO, 1997), cuja capa é ilustrada por uma fotografia das torres gêmeas, mostrando, ao lado direito, a imagem de um pássaro negro em direção às torres, lembrando a figura de um avião.

Assim, DeLillo consegue transcrever as preocupações peculiares construtoras do imaginário da sociedade americana para a literatura, as quais, por vezes, precedem eventos reais.

A personagem principal de *Falling man* é Keith Neudecker, de 39 anos, que trabalhava no World Trade Center na manhã dos atentados. Ele consegue escapar da morte, mas não do trauma que ocupará sua vida a partir daquele dia. O romance discute os conflitos vividos por esse advogado, a volta para a casa junto ao filho e à ex-mulher (Lianne) e as consequências dos atos terroristas, marcando a história dos Estados Unidos e do mundo.

O texto evoca os momentos cruéis nas torres em chamas, com pessoas pulando das janelas, simbolizadas pela personagem do Homem em Queda, um artista performático que se joga de prédios e pontes, preso por um cinto de segurança. A obra descreve, ainda, o cotidiano dos terroristas, do plano de ataque, em Hamburgo, passando pelas aulas de pilotagem na Flórida até o choque contra os prédios.

Cada parte do romance é representada por um nome: Bill Lawton, Ernst Hechinger e David Janiak. O primeiro seria o “fantasma mítico” de Bin Laden na visão das crianças, sugerindo o medo e a paranoia dos dias subsequentes aos ataques e o temor em pronunciar o nome do suposto causador daquela tragédia, “o homem que o nome dele a gente talvez até já saiba, apesar de não poder saber” (DELILLO, 2007a, p.158).

Ernst Hechinger era o nome verdadeiro de Martin Ridnour, namorado de Nina Bartos, mãe de Lianne. Ele era um ativista radical e talvez um terrorista, segundo Lianne, para quem Martin representaria a ligação entre o racional e a dúvida. Ademais, a personagem supostamente faria uma transição entre o terrorismo dos radicais europeus e o terrorismo islâmico. Martin talvez visse os fundamentalistas islâmicos de maneira diferente, comparando-os aos esquerdistas americanos e aos europeus dos anos 1960 e 1970. Essa comparação crítica revela-se no seguinte diálogo entre Nina e Lianne, enquanto falavam de Martin:

Ele acha que essas pessoas, esses jihadistas, ele acha que eles têm alguma coisa em comum com os radicais dos anos 60 e 70. Ele acha que todos fazem parte do mesmo padrão clássico. Eles têm os teóricos deles. Têm visões de fraternidade universal (DELILLO, 2007a, p.152).

DeLillo justapõe os terroristas de 11 de setembro ao misterioso Ridnour, ou Hechinger, destacando o terrorismo do passado e o do presente. O romance chama a atenção para a única “arte” que Martin mantém em seu apartamento: um

cartaz com os rostos e nomes de 19 terroristas alemães procurados pela polícia (alusivo aos 19 membros do Baader-Meinhof, sondados por vários crimes nos anos 1970). Comparando-os aos 19 terroristas responsáveis pelos ataques ao WTC e ao Pentágono, cujas fotos foram divulgadas pelo FBI, somos levados a pensar historicamente sobre as ações terroristas no mundo e suas causas e consequências.

A ligação entre Martin e o Baader-Meinhof, no entanto, torna-se mais clara à luz de um conto de DeLillo, chamado Baader-Meinhof, publicado em abril de 2002, na revista *The New Yorker*. Nele, como em *Falling man*, o autor salienta as ambiguidades na identidade de um terrorista. O título do conto refere-se às pinturas em preto-e-branco, do artista Gerhard Richter, intituladas *October 18*, 1977, baseadas em imagens do grupo Baader-Meinhof, em exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York. DeLillo chama a atenção para a qualidade turva das pinturas, interpretadas como “nuances de obscuridade e medo súbito” (DELILLO, 2002, p.78). As identidades das pessoas, nas fotos, são obscuras, isto é, elas poderiam ser qualquer um. Dessa forma, Martin poderia ser um terrorista, de acordo com os pensamentos de Lianne, “mas era um dos nossos [...], ou seja, ateu, ocidental, branco” (DELILLO, 2007a, p.204).

A terceira parte do livro é representada pelo nome David Janiak, identidade de um artista performático conhecido como *Falling man*. Janiak remete-nos, também, a um artista real, o fotógrafo americano Kerry Skarbakka, que desafia a morte ao protagonizar saltos de alto risco, compondo a série de fotos *Life goes on* (*New York Daily News*, 2005). Essa estratégia, no romance, é uma maneira de evocar o desespero das pessoas caindo das torres do WTC, simbolizadas pelo “Homem em Queda”. Observemos alguns trechos do livro, a respeito dessa personagem:

Havia um homem pendurado no viaduto, de cabeça para baixo. Estava de terno, uma perna dobrada, os braços paralelos ao corpo. Um cinto de segurança quase invisível emergia da calça da perna esticada e se prendia à grade ornamental do viaduto. [...]

Havia uma certa polêmica a respeito da posição que ele assumia durante a queda, a posição adotada em seu estado suspenso. Teria sido aquela posição copiada da postura de um homem específico que foi fotografado caindo da torre norte do World Trade Center, caindo de cabeça, os braços junto ao corpo, uma perna dobrada, um homem captado para sempre em queda livre tendo ao fundo as colunas da torre? (DELILLO, 2007b, p. 229).

Inferimos, assim, que o “Homem em queda” seria uma alusão à imagem capturada pelo fotógrafo americano Richard Drew, uma foto perturbadora que passaria a simbolizar a vulnerabilidade de uma nação considerada tão poderosa como os Estados Unidos. Dessa forma, o autor, ao revisitar o 11 de setembro, tomando

essa cena, em particular, suscita nossa imaginação, fazendo-nos revivenciar o terror configurado nos atentados.

Como podemos notar, os romances de Don DeLillo examinados nesse trabalho tratam o tema “terrorismo” de diferentes formas, mostrando que as pessoas podem envolver-se com o terrorismo simplesmente por buscarem aventuras ou com o objetivo de lutarem por determinadas causas, levando milhares de pessoas à morte. Don DeLillo sublinha questões a respeito de como o terror e a violência encontram-se imanentes no tecido social que nos cerca. Agora cabe-nos perguntar: haveria alguma forma de acabar com o terror? Bauman (2008, p.143) oferece-nos uma possibilidade:

A guerra verdadeira – e **vencível** – contra o terrorismo não é conduzida quando as cidades e aldeias já semidestruídas do Iraque ou do Afeganistão são ainda mais devastadas, mas quando as dívidas dos países pobres forem canceladas, quando nossos ricos mercados se abrirem a seus principais produtos, quando a educação for patrocinada para as 115 milhões de crianças atualmente privadas de acesso a qualquer tipo de escola e quando outras medidas semelhantes forem conquistadas, decididas – e **implementadas** (grifo do autor).

Inegavelmente, os leitores de Don DeLillo têm diante de si romances que os estimulam a refletir a respeito de importantes desafios do contexto pós-moderno: o esvaziamento de objetivos em comum na sociedade atual, sem que haja uma autêntica preocupação com o bem-estar coletivo no mundo, e isso traz como consequência a alienação; o avanço da tecnologia que nos dá a ilusão de controle sobre todos os eventos; e a consciência de que há múltiplas perspectivas para a análise do passado, sugerindo indagações acerca daquilo dado como certo. A leitura dos textos suscita o debate relativo ao sistema que nos cerca e ao enfrentamento do problema concernente ao fato de quem tem o poder para alterar o curso da história e de sua narrativa.

FERNANDES, G. M.; MARIANO, M. C. de O. *Players, Mao II and Falling man: three versions of terror. Itinerários*, Araraquara, n. 37, p.49-63, Jul./Dez., 2013.

■ **ABSTRACT:** *This paper aims at analyzing the different approaches to terror in the novels *Players* (1977), *Mao II* (1991) and *Falling Man* (2007), by the American writer Don DeLillo. In *Players*, terror is shown as something attractive and exciting to a character who leads a very tedious personal and professional life; in *Mao II*, it is connected to the kidnapping of a poet and the text brings up relevant debates focusing on the contrast related to the power of novelists and terrorists in society; and in *Falling Man*, the author reviews the tragedy of September 11, in an attempt to try to understand the reasons why the attacks happened. The novels show terrorist actions connected*

to historical processes and also to the present form of capitalism and globalization. Theoretical texts by Bauman (1998), Eagleton (2005), Freitas (1989), Fraser (2000) will be used to discuss the issues addressed in this paper.

■ **KEYWORDS:** *Don DeLillo. Terrorism. Capitalism. Literature and history.*

Referências

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DELILLO, D. **Ruído branco**. Tradução Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Players**. New York: Vintage, 1989.

_____. **Mao II**. New York: Penguin Books, 1991.

_____. **Mao II**. Tradução Edson Rocha Braga. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Underworld**. New York: Scribner, 1997.

_____. Baader-Meinhof. **The New Yorker**, New York, Apr. 2002. Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/2002/04/01/020401fi_fiction>. Acesso em: 10 dez. 2011.

_____. **Falling man**. New York: Scribner, 2007a.

_____. **Homem em queda**. Tradução Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

EAGLETON, T. **Depois da teoria**: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Tradução Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FRASER, A. **A conspiração da pólvora**: terror e fé na Revolução Inglesa. Tradução Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FREITAS, M. T. de. Romance e história. **Uniletras**, Ponta Grossa, n.11, p.109-18, dez. 1989.

LISBERG, A. “Artist” Sorry for Stunt. **New York Daily News**, New York, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.nydailynews.com/archives/news/artist-stunt-article-1.642311>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

MCCLURE, J. A. **Late Imperial Romance**. London; New York: Verso, 1994.

Recebido em 30/12/2102

Aceito para publicação em 21/10/2013



